

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

CAIMI WAIASSÉ XAVANTE

**A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA AUDIOVISUAL NOS
EMPRÉSTIMOS DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A LÍNGUA
XAVANTE**

**Barra do Bugres
2016**

CAIMI WAIASSÉ XAVANTE

**A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA AUDIOVISUAL NOS
EMPRÉSTIMOS DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A LÍNGUA
XAVANTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado de Mato Grosso-
UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est.
Renê Barbours, como requisito parcial para
obtenção do título de graduado em Línguas,
Arte e Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Pedrosa
Quintino

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

X3i XAVANTE, Caimi Waiassé.

A influência da tecnologia audiovisual nos empréstimos da Língua Portuguesa para a Língua Xavante / Caimi Waiassé Xavante. – Barra do Bugres, 2016.

48 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

1. Língua Xavante. 2. Empréstimos Linguísticos. 3. Português . 4. Tecnologia Audiovisual. I. Quintino, W. P., Dr. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

CAIMI WAIASSÉ XAVANTE

**A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA AUDIOVISUAL NOS EMPRÉSTIMOS DA
LÍNGUA PORTUGUESA PARA A LÍNGUA XAVANTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Línguas, Arte e Literaturas.

Barra do Bugres, 26 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Professor Orientador

Prof. Me. Isafas Munis Batista

Prof.^a Dr.^a Mônica Cidele da Cruz

**Barra do Bugres
2016**

AGRADECIMENTOS

Hepãri!

Primeiro agradeço os guerreiros ancestrais, que me acompanharam nos meus sonhos de toda a noite, me possibilitando sonhar acordado para refletir a importância de sobreviver nas duas culturas, me inspirando nas suas coragens para realizar este trabalho das línguas; *A'uwẽ uptabi* (Xavante) e *Warazu* (não indígena). Sempre me motivando para nunca desistir.

À todas as comunidades *A'uwẽ/Xavante* pertencentes a Terra indígena Pimentel Barbosa que gentilmente me acolheram com meu TCC, em duas aldeias; *Wedẽ'rã* e *Êtênhiritipa*, me recebendo nas suas casas, nas famílias, que me confiaram o seus saberes, conhecimentos, sentimentos, histórias e esperanças de manter a língua materna para futuras gerações. E profundo agradecimento especial, aos anciãos, as anciãs, as lideranças, aos professores e aos alunos. Que acompanharam de perto ou de longe fazendo reflexão sobre o tema. Dando-me apoio durante os cinco anos; levando-me de caminhão para cidades mais próximas para poder viajar de ônibus para as etapas presenciais de estudos na Universidade.

À minha família do Clã Poreza'õno do meu pai Mauricio Urawẽ e do Clã Öwawẽ da minha mãe Juçara Pe'aruiwẽ (*in memória*), por terem me cuidado durante a minha caminhada, mostrando o caminho certo. Dando força no meu aprendizado.

Obrigado às minhas tias-mães (dati'ö), Irani Pewapa, Fernanda Wa'utomo'aba (*in memória*) que cuidaram do meu crescimento durante a minha jornada, acreditando na minha capacidade de caminhar nos dois mundos.

À minha companheira/ amiga professora Severiá Idioriê, pelo apoio e incentivo durante os trabalhos escolares e a minhas leituras durante a minha pesquisa para conseguir mais esse objetivo.

Aos meus netinhos, filhos e a minha mulher Taís, que nunca me deixaram desistir. A minha irmã Andréia e meus irmãos, Vanderlei, Leandro, Jurandir, Ricardo e Mauro (*in memória*). E aos meus primos que me apoiaram e colaboram nessa caminhada.

Aos meus sobrinhos (as) pelo envolvimento durante todo tempo em diferentes situações.

À família Leite Barros, de maneira especial tia Zilda (*in memria*), e os filhos (as) e os netos (as) dela, que sempre se dispuseram a me ajudar sem medirem esforços durante as estadias nas cidades. Pelos momentos de alegria, apoio e, sobretudo, pela amizade.

Ao professor, amigo e orientador, professor Dr. Wellington Pedrosa Quintino, que além de me orientar, me apoiou e incentivou nos momentos mais difíceis e refletindo as minhas dúvidas.

A minha coorientadora prof.^a Dr.^a Mônica Cruz, que acreditou em mim, no meu trabalho, que às vezes pareciam não ter uma solução para os problemas apresentados e se dedicou não medindo esforço para me ajudar.

A todos os professores participantes na Licenciatura Intercultural Indígena, que compartilharam aspectos importantes durante os cinco anos, sobre como trabalhar em sala de aula sem deixar o aprendizado tradicional, sempre mesclando os conhecimentos. Pois, de alguma forma contribuíram para meu crescimento intelectual.

À banca examinadora eu agradeço a sua dedicação à leitura da monografia.

Hepãri, pari!! Muito obrigado de coração, Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

Ãnési!

Enfim, agradeço todos, que contribuíram para a realização desta pesquisa direta ou indiretamente, os meus eternos agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho de monografia é resultado de uma pesquisa de campo, realizada na Terra Indígena Pimentel Barbosa, aldeia *Wede'ra* e aldeia *Êtênheritipá*, municípios de Canarana e Ribeirão Cascalheira-MT. A ideia de pesquisar sobre o tema surgiu quando comecei a observar a presença de termos da língua portuguesa na fala das pessoas da comunidade. O objetivo foi investigar e analisar os empréstimos das palavras da língua portuguesa na língua Xavante, pela influência da tecnologia audiovisual, no caso, a televisão. Como base teórica, consultei os seguintes autores: Carvalho (2009); Alves (1994) e Quintino (2012) que me possibilitaram explorar tais fenômenos sociais. Para a coleta de dados, apliquei um formulário bilíngue aos jovens da escola, contendo questões sobre o uso de tecnologia. Também fiz anotações no caderno durante as entrevistas com os anciões e com crianças. As respostas dos participantes foram transformadas em dados que me permitiram conhecer sobre empréstimo de palavras da língua portuguesa; como as pessoas estão se comportando e pensando nas aldeias. Também observei, nos seus cotidianos, principalmente, ouvindo as suas falas tanto nas aldeias, quanto nas cidades de Canarana e Água Boa, nos anos de 2014 a 2015. A partir da pesquisa, observamos que essas tecnologias estão colocando em risco os costumes de dar nomes, na língua materna, aos objetos que vêm da sociedade ocidental. Os empréstimos de palavras da língua portuguesa vêm transformando rapidamente e, inconscientemente, o jeito de falar do povo Xavante das aldeias *Wede'ra* e *Êtênheritipa*.

Palavras-chave: língua Xavante, empréstimos linguísticos, português, tecnologia audiovisual

ROWASU HUDU

Ahã romhuri hã romnhõré rãsutu na hã ma watóbró robzare A'uwẽ nhipti'a 're Pimentel Barbosa ãma, daró Wede'rã duré Êtênhiritipa, 'ri'ahõ Canarana duré Ribeirão Cascalheira, marãi hõza'õtõ remhã. Daró te irozaré hã warazumé na, nihá ãmã re imreme zusi mono na hã. Ró madõ ihõimana hã dasiwi damréme mrãmi aiwamhã warazu mrémé hã dure a'uwẽ mréme na hã marĩ ité, dawaparĩ madõ'õ háwi hã, niwamhã romhõ madõ'õze. Iwarobo nhihödö te isõ're hã te ãma irosarata dahã: Carvalho (2009) tehã. Alves (1994) duré Quintino (2012) mã rosada imã masisi zara dahõimana zé na. Romhuri ubumro dahã iwarabo nhihödö a'uwẽ mreme na duré warazu mreme na wate sõmri ihõibate mã romnhoré zeb're, dazadhanhari nhihödö hã robhuri nhipese na. Duré wanasi anhihõtö iwarobo na ihi duré a'uté nori zadhanhari nhidõposi. A'uwẽ nori tete isada'õbö zara hã dazadhanhari nhihödö hã, mã imã bahõi pese dasiwi damréme mrãmi aiwamhã warazu mrémé hã; e nihá te a'uwẽ siima 'rehõimana zara duré ti romna te irosarata rehã. Duré wahã wanasi amadõ bödö nhidöbö si wanasi awapa imreme monobö a'uwẽ mreme na hã daró 're duré 'ri'ahõ 're Canarana ãma duré Água Boa ãma, wahu 2014 duré 2015 wa. Ahã robhuri ró madõ ihõimana hã dasiwi damréme mrãmi aiwamhã warazu mrémé hã dure a'uwẽ mréme na hã marĩ ité, dawaparĩ madõ'õ háwi hã, niwamhã robhõ madõ'õze mã wahõimana zé duré wamreme teza te ãma sapri zara, wate ãma 'rosarata uptabi zara õwa hã, a'uwẽ hã Wede'rã duré Etenhiritipa ãma.

Rowamri nhihödö mono i'rã nho'u: a'uwẽ mre, Dasiwi damremre mrami, warazu mreme, robhuri nhipe dapoto dahã

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISA	Instituto Socioambiental
ONG	Organização não governamental
SUDAM	Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Localização e situação demográfica do povo Xavante.....	19
Quadro 2 –	A família Jê subdivide-se em três ramos principais, os Jê Meridionais, os Jê Centrais e os Jê Setentrionais.....	27
Quadro 3 –	A relação dos empréstimos da língua portuguesa coletados durante a pesquisa nas aldeias <i>Wedé'rá</i> e <i>Êtênhiritipa</i> , das falas do anciãos.	30
Quadro 4 –	A relação dos empréstimos da língua portuguesa coletados durante a pesquisa nas aldeias <i>Wedé'rá</i> e <i>Êtênhiritipa</i> , das falas do adulto.	31
Quadro 5 –	A relação dos empréstimos da língua portuguesa coletados durante a pesquisa nas aldeias <i>Wedé'rá</i> e <i>Êtênhiritipa</i> , das falas das crianças.....	32

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Troca de presentes entre grupos locais Xavante e o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), na beira do Rio das Mortes.....	16
Figura 2 – Localização das terras indígenas Xavante estão divididas em 12 áreas descontínuas e fragmentadas, no cerrado do Brasil central.	20
Figura 3 – O mapa representando a Terra Indígena Pimentel Barbosa	20
Figura 4 – Aldeia Wede'ra antes das instalação de energia , com uma população de cinquenta pessoas.....	33
Figura 5 – Anotação no caderno do cacique/ professor Leandro Parinai'á sobre a entrada de energia de luz na aldeia Wede'ra	34
Figura 6 – Instalação do primeiro poste de energia elétrica pela Energisa/MT, na aldeia Wede'ra.	35
Figura 7 – Terminando os serviços, os trabalhadores do Energise, foram presenteados com os colares de tiririca (a'é) pela comunidade, mulheres, homens e crianças.	35
Figura 8 – Foto de crianças da aldeia Wede'ra assistindo desenho animado.....	39
Figura 9 – Crianças Xavante assistindo a um ritual na televisão, em casa, na aldeia Etenhiritipá.....	39
Figura 10 – Comunidade assistindo palestra sobre H1N1 através do Data Show.....	40
Figura 11 – Alunos editando filmagens de rituais feita nas aldeias Etenhiritipa e Wede'ra	42
Figura 12 – A professora Severiá Idioriê palestrando sobre continente terrestre usando Datashow.	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – POVO XAVANTE E A SUA CULTURA	15
1.1 Histórico do contato	15
1.2 Povo Xavante.....	18
1.3 Localização e situação demográfica	19
1.4 Localização das terras indígenas Xavante	19
1.5 Dinâmica demográfica e as terras indígenas Xavante	21
1.6 Economia e meio ambiente.....	21
1.7 Sobre a língua	23
CAPÍTULO II – VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	25
2.1 Classificação geral das línguas	25
2.2 Classificação geral das línguas indígenas.....	25
2.3 Sociolinguística	29
2.4 Empréstimo linguístico.....	29
CAPÍTULO III – A HISTÓRIA DA ENTRADA DA ENERGIA NA ALDEIA	33
3.1 A história da energia de luz na aldeia Wede'ra	34
3.2 Formulários de respostas	36
CAPÍTULO IV – PRINCIPAIS TECNOLOGIAS DO NÃO-ÍNDIO PRESENTES HOJE NA ALDEIA.....	39
4.1 Televisão.....	39
4.2 Documentários.....	41
4.3 Diferenças dialetais.....	43
4.4 <i>Warã</i> – Conselho Tradicional.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS	46
CONSULTORES NATIVOS.....	47

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema deste trabalho de pesquisa surgiu no projeto *Haiyô-Formação de professores Indígenas*, no polo de Canarana-MT, com meu TCC, sobre “O uso do Audiovisual pelos Xavante-*Dapoto hawi Romadö’ö*”. Antes do curso, já trabalhava com o registro da cultura e aspectos sociais do povo Xavante e de outras etnias no Brasil e no exterior e, desde o período de 1990 a 2005, com a Ong Vídeos nas Aldeias. Por isso, refleti sobre as mudanças de comportamento que minha comunidade da aldeia *Êtênhiritipa*, onde vivo, poderia sofrer com a chegada da tecnologia. Com passar do tempo, as mudanças já estavam visíveis, devido à utilização dos objetos e materiais tecnológicos dos não índios, principalmente, na influência dos nomes dos objetos como chinelo, camisa, bola, televisão, computador, *pen drive*, antena parabólica, energia, geladeira, sabonete, internet, entre outros. Com aquisição da tecnologia audiovisual nas aldeias como televisão, filmes e músicas, as pessoas vêm sofrendo influência diária no uso das palavras emprestadas da língua portuguesa.

Essa pesquisa colocou em discussão, nas aldeias *Wedé’rã* e *Êtênhiritipa*, através do *Warã* – Conselho Tradicional e das famílias, as mudanças rápidas na língua materna por causa da influência da língua portuguesa, a partir do uso da tecnologia audiovisual no cotidiano. Este trabalho aproximou o conhecimento e o costume dos anciãos dos jovens, para poder manter os costumes de dar nomes aos objetos que vêm de fora, conforme a sua utilização. Um exemplo, “*daparauza*” – proteção para os pés ou roupas para os pés. E as palavras emprestadas agora pelos jovens são chinero (chinelo) ou havaiana, marca mais utilizada pelas pessoas.

A pesquisa me possibilitou levantar a questão para comunidade refletir, lembrar e abordar novamente sobre esse assunto com os anciãos e jovens, para a preocupante invasão de empréstimos de palavras da língua portuguesa na língua xavante e na produção de livro e vídeo na língua xavante, feita pela comunidade. Através da pesquisa acadêmica, obtivemos dados confiantes sobre o assunto, para poder auxiliar os professores indígenas nos seus trabalhos e produzir livros didáticos sobre a influência da linguagem audiovisual na comunidade Xavante das aldeias *Wedé’rã* e *Êtênhiritipa*.

O povo Xavante da Terra Indígena Pimentel Barbosa, desde o contato, ouviu a língua portuguesa, teve acesso à tecnologia de não índios, principalmente, à tecnologia audiovisual. Essas ferramentas foram utilizadas para reivindicar politicamente seus direitos, mostrar os costumes fora da aldeia e para manter registrada a cultura para futuras gerações. Com instalação de luz do projeto do governo *Luz para Todos*, houve mudança de vida. Com o

acesso fácil aos produtos tecnológicos, a comunidade das aldeias tem agora televisão, som, máquina fotográfica, filmadora e computadores. Empréstimos de palavras vêm transformando rapidamente e, inconscientemente, o jeito de falar do povo Xavante devido ao contato direto com essa tecnologia audiovisual.

Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa foi analisar os empréstimos das palavras da língua portuguesa na língua xavante pela influência da tecnologia audiovisual neste caso, a TV. E objetivos específicos foram apresentar a língua xavante em seu estágio anterior, caracterizando a situação linguística atual do povo Xavante. Conhecendo a história dos anciãos, de como dar os nomes aos objetos do mundo ocidental. E descrevendo a influência da tecnologia audiovisual no jeito de falar do povo Xavante, comparando as mudanças de costumes com o uso diário da tecnologia audiovisual, principalmente, a TV. A monografia buscou compreender o conhecimento e o costume dos anciãos, de como dar nomes dos objetos que vem de fora, conforme a sua utilização ao longo do tempo.

O primeiro passo para desenvolver o meu estudo foi conversar com professor Dr. Wellington Pedrosa Quintino sobre um estudo que realizei sobre empréstimos linguísticos, fizemos pesquisas e levantamentos, seleção da bibliografia na *internet*, para meu esclarecimento sobre o campo de estudo. Além disso, ele me indicou a leitura de dois livros: Empréstimos linguísticos na língua portuguesa (Nelly Carvalho); e Neologismo Criação lexical (Ieda Maria Alves). E também li a dissertação do professor Dr. Wellington, que foi importante para eu entender o comportamento das línguas pelo mundo.

A proposta foi apresentada para as comunidades das duas aldeias: *Êtênhiritipa* e *Wedé'rã*, localizadas nos municípios de Canarana e Ribeirão Cascalheira-MT, onde foi possível coletar os dados da pesquisa. Mesmo sendo morador da aldeia *Êtênhiritipa* e trabalhar na escola da outra aldeia *Wedé'rã*, tive de pedir autorização para as comunidades vias *Warã*-Conselho Tradicional, que achou muito estranho este pedido, aliás, não só eles, eu também. Depois da minha exposição sobre o assunto, todas as pessoas presentes concordaram e permitiram a coleta de dados.

As entrevistas realizadas em campo foram organizadas nos anos de 2014 e 2015. Os entrevistados foram as mulheres e os homens mais velhos, as crianças, seguindo a categoria de idade feminina e masculina xavante, assim, passei em cada casa entrevistando as pessoas.

Para ver se as pessoas têm a consciência das mudanças que estão acontecendo no seu cotidiano, principalmente, sobre empréstimos de línguas, no mesmo mês de janeiro de 2015, nos reunimos com os dez jovens que sabiam ler, apliquei nas escolas e nas aldeias um questionário bilíngue com as seguintes perguntas:

1. Tem TV em casa?
2. Com que frequência você assiste a TV?
3. Quais programas favoritos da TV?
4. Qual é a importância da TV, na sua casa?
5. Você está percebendo alguma mudança de comportamento da comunidade?
6. Há cena/ programa considerado inadequado para criança? Quais?
7. Como é feita a censura?

E outros recursos que utilizei foram gravador digital, filmagens e máquina fotográfica, pertencentes ao Ponto de Cultura *Apowẽ*. Com isso, pudemos mostrar a situação atual das pessoas nas aldeias, seus comportamentos durante os rituais e o uso da língua. Além disso, durante a pesquisa, fiz anotações no caderno de campo e, para análise, repassei os dados no *notebook*, para digitação e formatação.

CAPÍTULO I – POVO XAVANTE E A SUA CULTURA

Tratamos neste capítulo de descrever o primeiro contato do povo Xavante, no Centro Oeste brasileiro, que dominava a região do cerrado. Ele mesmo se autodenomina de *A'uwẽ Uptabi* (povo verdadeiro).

1.1 Histórico do contato

O povo *A'uwẽ Uptabi* (Xavante), de acordo com o mito de criação Xavante, repassado pelos anciãos, através de gerações, o povo *A'uwẽ* vem da raiz do céu, onde nasce o sol. Ele vem realizando as festas e cerimônias Xavante/*A'uwẽ*, conforme os conhecimentos adquiridos dos ancestrais, por meio dos “sonhos de poder”. Os Xavante são de uma linhagem antiga, de um tempo que se perde na contagem dos não-índios.

O primeiro registro documental colonial dos Xavante mais antigo que se tem notícia foi feita em um mapa datado de 1751, que mostra a localização do chamado “Sertão do Gentio Xavante”, a leste da Ilha do Bananal (Chaim,1974).

No início do século XVIII, depois da descoberta do ouro na então província de Goiás, a chegada de mineradores, bandeirantes, colonos e missionários pressionou as populações indígenas locais, provocando conflitos entre elas e os novos habitantes. As populações nativas reagiram de diferentes modos às incursões dos forasteiros. Algumas recorreram à prática de ataques repentinos e à guerra; outras, ao estabelecimento na área ou à migração. Na segunda metade daquele século, vários grupos, incluindo alguns identificados como “Xavante”, estiveram assentados em aldeamentos patrocinados pelo governo, onde sofreram os efeitos devastadores de doenças epidêmicas, segundo dados do ISA de 2014.

A seguir (Fig. 1), uma imagem que pode ser considerada o primeiro contato do povo Xavante.

Quando o governo Vargas começou sua famosa “Marcha para o Oeste”, as pressões externas voltaram a agravar as condições de vida Xavante. Associada à campanha estatal, em prol da abertura do interior do país ao processo de colonização, houve uma série de propagandas em revistas e jornais de circulação nacional que retratou os Xavante como símbolo do “bom selvagem” brasileiro. Por conseguinte, eles foram os primeiros indígenas do país a se tornarem famosos por obra dos meios de comunicação de massa que, patrocinados pelo Estado, representaram os Xavante como os bravos e heroicos primitivos do país que,

depois de ‘pacificados’ – e marcando passo com a “marcha do progresso” que acompanhava o avanço da nação rumo a oeste –, engrandecer-se-iam com o abraço da sociedade nacional.

Figura 1 – Troca de presentes entre grupos locais Xavante e o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), na beira do Rio das Mortes.



Fonte: Lamônica/Museu do Índio (1951)

Na retórica estatal, o “amansamento” dos índios da região (personificados nos Xavante) figurava metaforicamente como a domesticação do agreste interior brasileiro. No fim das contas, de acordo com a narrativa estatal, as qualidades heroicas primordiais dos Xavante contribuiriam para o caráter nacional, e eles seriam incorporados à estrutura social e à economia produtiva do país. Para documentar os heroicos eventos da missão domesticadora, com finalidades de divulgação e publicidade, fotógrafos e jornalistas foram designados a compor a equipe do SPI (Serviço de Proteção aos Índios) que estava encarregada de “pacificar” os hostis Xavante. Dois padres católicos salesianos empenhados em fazer contato com os Xavante (1932) e uma ‘equipe de pacificação’ do SPI, chefiada por Pimentel Barbosa (1941), foram mortos por grupos locais Xavante descontentes com invasão de seu território. Apoiando-se nesses fatos, a mídia destacava a imponente bravura dos Xavante e sua feroz resistência a forasteiros. Em 1946, quando a equipe do SPI, liderada por Francisco Meirelles,

finalmente atingiu sua meta, trocando com êxito, bens com representantes do grupo Xavante liderado por Apöena (Ahöpöwê), a celebração por parte da mídia e do Estado foi intensa.

A publicidade em torno da “pacificação dos Xavante” alçou Meirelles e Apöena (Ahöpöwê) quase à condição de heróis nacionais. Como resultado da promoção midiática, imagens positivas dos Xavante e de suas nobres qualidades fizeram-se continuamente presentes na memória nacional por décadas após esse primeiro contato pacífico.

Nos anos 1960 e 70, por incentivos fiscais do governo, destinados a fomentar a colonização e o desenvolvimento econômico em larga escala na região, colonos e fazendeiros chegaram por lá. O acesso a porções do território tradicional do povo Xavante envolveu, muitas vezes, fraudes. Sabe-se de casos em que, para disponibilizar terras à produção capitalista, autoridades alteraram mapas e atestaram a ausência de habitantes indígenas. Imensas extensões de monocultivo agrícola – de início, sobretudo, arroz de terras altas; mais recentemente, soja – foram implementadas pelos fazendeiros, que também desmataram vastas áreas de cerrado com vistas à criação de gado.

Intensas lutas pela recuperação de terras ancestrais, bem como, esforços para demarcar as terras que ainda continuavam sob seus domínios – em alguns casos, solicitando o aumento dos seus limites, caracterizaram o final da década de 1970 e o início da de 80. A partir de meados dos anos 70, muitas das famílias que haviam deixado as terras habitadas no período pré-contato para buscar refúgio em missões ou postos do SPI começaram a retornar para seus territórios de origem. Ao fazê-lo, encontraram as áreas ocupadas por colonos ou por fazendeiros dedicados ao agronegócio de larga-escala. Em alguns lugares, os colonizadores não-índios haviam estabelecido cidades inteiras. Quando líderes Xavante se puseram a reivindicar direitos sobre suas terras, a violência, concreta ou como ameaça, irrompeu em muitas localidades.

Ao pressionar fortemente o Estado com vistas à demarcação das terras, os Xavante enfrentaram adversários de peso – fazendeiros com grande poder político e imensas propriedades. Uma delas era a Agropecuária Suiá-Missu, que desalojou os Xavante da área a que chamam Marãiwatsédé.

Nos anos 1970, a corporação detinha mais de 1,5 milhão de hectares, extensão que lhe distinguia como um dos maiores latifúndios do Brasil. Outra gigante, instalada na área entre os rios Kuluene e Couto Magalhães, era a Fazenda Xavantina, cuja infraestrutura incluía mais de 300 km de estradas internas e 400 de cercas. Nas épocas de atividade intensiva, chegava a empregar 200 trabalhadores, que viviam com suas famílias ali mesmo. Possuía 10.000 cabeças de gado e produzia uma média de 16.000 sacas de arroz por colheita.

Os Xavante são hábeis na política e perseverantes na luta por seus direitos. Durante os últimos anos da década de 70 e o começo de 80, desenvolveram táticas eficazes para exercer pressão sobre o Estado, visando à obtenção de suas terras tradicionais e de assistência em outros domínios.

Nesse rumo, chegaram a lograr o reconhecimento de direitos sobre porções de terra relativamente extensas. Ao final de 1981, seis terras Xavante haviam sido demarcadas: Areões, Pimentel Barbosa, São Marcos, Sangradouro, Marechal Rondon e Parabubure. Apesar dessas conquistas, os conflitos persistiram e, em algumas áreas, continuam ainda hoje.

Nos anos 90, os Xavante tiveram êxito em pleitos por ampliação de várias áreas, e após longa batalha, conseguiram a demarcação e homologação da terra Marãiwatsédé, na região do Suiá-Missu. Apesar do reconhecimento oficial ter cumprido todas as etapas, grande parte dessa terra indígena continua ocupada por centenas de não-índios. Só um pequeno grupo Xavante, a duras penas, ocupa uma pequena extensão de Marãiwatsédé.

1.2 Povo Xavante

Ainda segundo dados do ISA (2014), os Xavante tornaram-se famosos no Brasil em fins da década de 1940, com a massiva campanha que o Estado Novo empreendeu para divulgar sua “Marcha para o Oeste”. A campanha promoveu a equipe do SPI (Serviço de Proteção aos Índios) por seu trabalho de “pacificação dos Xavante.” No entanto, o grupo local que foi “pacificado” pelo SPI em 1946 constituía apenas um dentre os diversos grupos xavante que habitavam o leste do Mato Grosso, região que o Estado brasileiro então importante notar, foram os “brancos” os “pacificados”. De meados da década de 1940 a meados da de 60, grupos Xavante específicos estabeleceram relações pacíficas diversificadas com representantes da sociedade envolvente – representantes diferenciados entre si, incluindo equipes do SPI, missionários católicos e protestantes.

Os agentes do contato e as maneiras como este se deu influenciaram os Xavante de distintos modos. Crenças e práticas religiosas, bem como, algumas instituições sociais e práticas cerimoniais foram afetadas, em especial, entre aqueles que travaram contato com missionários, sejam eles católicos ou evangélicos. Apesar desses impactos, a cultura Xavante continua a se manifestar com extrema vitalidade, sendo retransmitida de geração à geração, por meio da língua e de inúmeros mecanismos sociais, cosmológicos e cerimoniais. Para além de algumas diferenças notadas pelos etnógrafos entre os diversos grupos locais Xavante por conta das referidas experiências distintas de contato, a língua comum, os padrões de

organização social e instituições, as práticas cerimoniais e a cosmologia definem os Xavante como uma totalidade social. Suas comunidades, contudo, são politicamente autônomas, ainda que, às vezes, se unam para atingir objetivos comuns.

1.3 Localização e situação demográfica

As terras indígenas Xavante estão todas localizadas na parte leste de Mato Grosso e se apresentam de forma descontínua. De acordo com os dados de 2010, do Instituto Socioambiental-ISA, as 12 terras indígenas Xavante estão assim divididas:

Quadro 1 – Localização e situação demográfica do povo Xavante.

Rec.	TERRA INDÍGENA	EXTENSÃO (em Ha.)	SITUAÇÃO JURÍDICA
1	TI Chão Preto	12740	Registrada no CRI e/ou SPU
2	TI Areões II	0	Em identificação
3	TI Meruri	82301	Registrada no CRI e/ ou SPU
4	TI Pimentel Barbosa	328966	Registrada no CRI e/ ou SPU
5	TI Marechal Rondon	98500	Registrada no CRI e/ ou SPU
6	TI Parabubure	224447	Registrada no CRI e/ ou SPU
7	TI Areões I	0	Em edificação

Fonte: Organizado pelo autor, 2015

Vale destacar que o Cartório de Registro de Imóveis- CRI e a Secretaria de Patrimônio da União -SPU são os órgãos responsáveis pelo registro e homologação das terras indígenas no Brasil.

1.4 Localização das terras indígenas Xavante

Como apontam os dados do Instituto Socioambiental-ISA (2010) acima, as terras indígenas Xavante estão divididas em 12 áreas descontínuas e fragmentadas, que mesmo somadas, não são sequer resquícios do que já foi uma única grande área, no cerrado do Brasil central, que o povo *A'uwẽ* do grupo *A'kuwe* (Jê Central) dominou e onde habitou por centenas de anos, antes do contato.

1.5 Dinâmica demográfica e as terras indígenas Xavante

Como outros povos indígenas, os Xavante sofreram um acentuado decréscimo populacional nas diferentes fases do contato com os "civilizados". A partir da década de 70, com o início da demarcação de suas terras, o crescimento demográfico passou a ser constante a uma taxa média de quase 5% ao ano. Nos meados do século XIX teriam sido contados entre 3 e 5 mil nativos desse conjunto etnolinguístico então aldeados no Aldeamento de Pedro III na antiga Província de Goiás (atualmente T.I. Carretão/GO).

Atualmente são cerca de 165 aldeias xavante espalhadas de maneira bastante desigual por cada uma das 9 terras Xavante; Parabubure, por exemplo, tinha no ano de 2003 cerca de 60 aldeias e uma população de 4.502 pessoas, enquanto Pimentel Barbosa tinha 6 aldeias e 1.570 pessoas.

1.6 Economia e meio ambiente

Os Xavante habitam a zona central do cerrado brasileiro em uma complexa eco-zona que combina cerrado e mata de galeria. Trata-se de uma região marcada por duas estações bastante definidas: a época da seca denominada regionalmente como "inverno", que compreende os meses de abril a outubro, e a época das chuvas ("verão"), compreendendo os demais meses do ano. O cultivo agrícola, sobretudo de milho (o alimento de maior destaque em termos cerimoniais e sócio cosmológicos Xavante), feijão e abóbora, desempenha um papel apenas secundário na economia. Os produtos da colheita das roças pertencem exclusivamente a cada um dos grupos domésticos, portanto, cada habitação, uma roça, e as tarefas de derrubada e queimada cabem aos homens, enquanto o plantio, às mulheres. A dieta básica tradicional consiste em produtos coletados, principalmente, pelas mulheres: raízes silvestres, castanhas, frutos e outros vegetais.

A coleta é suplementada por itens fornecidos pelos homens: carnes de caça e alguma quantidade de peixe, fontes de proteína que podem ser defumadas para fins de conservação. Até o início da intensificação da colonização na 1960, os Xavante obtinham esses alimentos em excursões de caça e coleta: longas viagens, que chegavam a durar alguns meses cada uma, nas quais grupos de famílias extensas iam em busca dos recursos naturais da região. Na estação seca, a fim de conduzir atividades cerimoniais, os grupos de viajantes se reuniam em grandes aldeias semipermanentes.

Devido a esse padrão de ocupação marcado pela realização de prolongadas excursões, o território necessário para a subsistência Xavante abarcava a extensão que os grupos dessem conta de explorar no transcurso de um ano. Nessas expedições, o território do grupo local era esquadrihado distintamente por segmentos sociais compostos por conjuntos de grupos domésticos mais aparentados. Eles se mantinham em comunicação através de sinais de fumaça, objetivando a reunião de todos os segmentos ao final da expedição. Acampamentos eram feitos diariamente para o descanso de todos. Sua composição era uma “versão em miniatura da aldeia-base”, não só na forma de ferradura, como na disposição dos grupos domésticos. Hoje, tal padrão tradicional de excursões praticamente desapareceu, por conta da significativa redução das terras disponíveis ao aproveitamento Xavante e do reduzido estoque de caça ali existente. Ainda assim, viagens de caça ou pesca mais curtas, nas quais grupos se ausentam da aldeia por uma ou duas noites e, ignoram as “cercas” das fazendas, são frequentes.

As carnes de caça ocupam uma posição proeminente na dieta e na vida social. Para os homens, a caça é tanto um afazer econômico importante como um marcador de capacidades masculinas, já que é através dela que se expressam as habilidades de resistência física, rapidez, agilidade, vigilância e agressividade. Ela é componente central de alguns cerimoniais, como o *Wai'á*¹, e das celebrações de casamentos, nas quais grupos de homens saem em caçadas prolongadas. A degradação ambiental, resultado da criação de gado e do monocultivo agrícola no interior e no entorno das terras Xavante, diminuiu fortemente o estoque de fauna cinegética disponível.

As carnes e os pescados, principais fontes proteicas, são escassos na maioria das áreas Xavante atuais; nas menores delas, a carência de caça é severa. Além disso, como as atuais terras dos Xavante não representam mais do que pequenos fragmentos da extensão total de que eles antes dispunham para sua subsistência, encontrar um suficiente número de presas, especialmente, para cerimoniais como casamentos, que requerem grandes quantidades de carne, é algo que leva os grupos de caçadores indígenas a adentrar as fazendas particulares com frequência, tanto para exercitar suas caçadas como para demandar junto aos fazendeiros cabeças de gado. Essa situação, em muitos casos, resulta em graves conflitos com regionais.

Apesar do esforço Xavante em manter seu modo de vida tradicional, a intrusão das atividades voltadas para o mercado, evidentemente, desordenou significativamente o estilo de

¹ *Wai'á* é um ritual praticado pelos homens para o fortalecimento espiritual.

vida e a economia tradicionais Xavante, a fim de facilitar e acelerar a assimilação dos Xavante à economia e à sociedade regionais,

Ainda segundo dados do ISA (2014) as políticas governamentais implementadas pelo SPI (Serviço de Proteção aos Índios) e, posteriormente, pela Funai (Fundação Nacional do Índio, substituta do SPI a partir de 1967) forçaram os Xavante a adotar certas práticas econômicas, em particular a agricultura de coivara e a criação de gado. Como as terras de que os Xavante dispunham já não podiam sustentar sua economia tradicional e fornecer-lhes meios viáveis de subsistência, eles se tornaram crescentemente dependentes dos produtos que cultivavam em roças de coivara, assim como da Funai, com quem contavam para angariar donativos, frequentemente, bens que podiam ser adquiridos em cidades próximas. Se em décadas anteriores, a necessidade de dinheiro levou alguns homens a oferecer-se como mão-de-obra remunerada a fazendeiros, atualmente, muitos Xavante possuem cargos remunerados na Funai, seja em suas próprias terras (como chefe-de-posto), seja nas sedes regionais ou mesmo na sede central do órgão em Brasília. Remunerações advindas de aposentadorias, de convênios entre associações indígenas e diversos órgãos governamentais e não-governamentais e de cargos de professores e monitores de saúde indígena também entram nos rendimentos gerais obtidos na atualidade pelas comunidades Xavante.

1.7 Sobre a língua

Autodenominados *Akwẽ*, do estado do Tocantins, um conjunto etnolinguístico conhecido na literatura antropológica como *Acuen*, pertencente à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê. No período colonial e imperial, grupos *Acuen* também foram identificados pelos etnônimos “Xacriabá” e “Acroá”. Essas designações foram produzidas por não-índios, visando identificar e distinguir os diversos subgrupos *Acuen* que controlavam um amplo território no centro-oeste brasileiro. Além disso, na literatura de viajantes, bandeirantes e missionários os *Acuen*, como grupos do chamado Brasil Central, ficaram conhecidos como Tapuias, em oposição aos grupos do tronco Tupi, denominados Tamoios e localizados no litoral brasileiro.

Os Xavante não devem ser confundidos com os *Oti-Xavante* do oeste do estado de São Paulo e os *Ofaié (Opaié)-Xavante* do extremo sul do Mato Grosso, com os quais não compartilham nenhuma característica histórica ou sociológica em comum. Segundo a versão mais aceita, o nome “Xavante” lhes foi atribuído por não-índios, visando sua diferenciação

dos demais *Acuen*, particularmente, em relação aos “Xerente”, do qual se separaram por volta de 1820 ainda na Província de Goiás.

Durante alguns anos, segmentos já identificados por não-índios pelo etnônimo “Xavante” empreenderam travessias sucessivas dos rios Araguaia, Cristalino e das Mortes e refugiaram-se definitivamente no leste mato-grossense até os dias atuais. Os *A’uwẽ* contemporâneos incorporaram a designação “Xavante” e, é por meio dela, que se referem a si próprios ao lidar com os *warazu*. Entre si, porém, os diversos subgrupos locais que compõem essa sociedade indígena se identificam como *a’uwẽ* ou *a’uwẽ uptabi* (“gente de verdade”). A língua materna é mantida e retransmitida para as novas gerações, agora também, através de espaços novos como o da escola, com extrema vitalidade. Em contextos de interlocução com os não-índios, exceto a maioria das crianças, das mulheres e parte dos velhos, muitos homens Xavante falam e entendem bem o português, segundo dados do ISA de 2014.

CAPÍTULO II – VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Tratamos neste capítulo de apresentar a classificação geral das línguas indígenas do Brasil e em especial as línguas e famílias Jê.

2.1 Classificação geral das línguas

Quando um grupo de pessoas se separa, e os dois grupos resultantes não precisam mais se entender, as línguas faladas por cada um vão se ajustando às experiências diferentes pelas quais cada grupo passa. Depois de um tempo, as línguas de cada grupo deixam de ser compreensíveis entre si e passam a constituir línguas diferentes, apesar de compartilharem a mesma origem.

Os linguistas classificam as línguas, a partir de alguns aspectos: vocabulário, construção das palavras, construção das frases, etc. A língua portuguesa, por exemplo, tem grandes semelhanças com o espanhol, francês, italiano, entre outras. Isto porque estas línguas são todas derivações do Latim falado há dois mil anos. Elas surgiram, conforme os falantes do Latim foram migrando e misturando o Latim com outras línguas. O conjunto de línguas que partilham este determinado grau de semelhança é chamado de Família Linguística. O português, junto com estas línguas mencionadas, faz parte da família linguística românica.

Há diversas outras famílias linguísticas: o Germânico (que inclui o inglês, alemão, sueco...), o Eslávico (que inclui o russo), entre outras. Quando estas famílias linguísticas compartilham algumas semelhanças, elas formam um conjunto maior que é chamado de Tronco Linguístico. A família Românica, na qual se inclui a língua portuguesa, pertence ao Tronco Linguístico Indo-Europeu. Em um passado remoto, havia uma língua que serviu de origem a todas as línguas que pertencem a este tronco linguístico.

O português, o inglês e até mesmo o persa e o grego são línguas do tronco linguístico Indo-Europeu, o que indica um certo grau de semelhança entre estas línguas. Existem outros troncos, como o Camito-Semítico (ao qual pertencem o árabe e o hebraico), o Uralo-Altaico (ao qual pertence o japonês), e outros. As semelhanças entre línguas de troncos linguísticos diferentes são quase nulas.

2.2 Classificação geral das línguas indígenas

As línguas indígenas faladas no Brasil são classificadas em quatro grandes grupos: os troncos linguísticos Tupi e Macro-Jê; e as famílias linguísticas Karib e Aruak.

Há outros grupos menores, que reúnem poucas línguas, e que não têm ligação com os quatro grandes grupos acima. E existem também algumas línguas indígenas isoladas, sem parentesco com nenhuma outra língua conhecida.

O tronco linguístico Tupi é o mais estudado. Acredita-se que a língua antiga que serviu como base a todas as outras línguas deste tronco eram faladas, inicialmente, em algum lugar entre os rios Madeira e Xingu, onde hoje fica o estado de Rondônia. Os falantes desta língua antiga começaram a se separar há 5 mil anos atrás.

Uma das famílias linguísticas deste tronco é chamada Tupi-Guarani. As línguas desta família começaram a se diferenciar há dois mil anos, mas apresentam entre si um alto grau de semelhança. Uma característica marcante desta família é a mobilidade geográfica: encontraram-se índios que falam línguas do grupo Tupi-Guarani desde a fronteira entre Brasil e Bolívia, passando pelo Paraguai e subindo pela costa. Os povos que os portugueses encontraram na costa do Brasil no século XVI falavam línguas desta família. Os jesuítas portugueses documentaram fartamente a língua Tupinambá (também chamada Tupi antigo) que serviu como meio de comunicação entre europeus e índios no início da colonização. O Tupinambá exerceu uma influência forte na língua portuguesa falada até hoje no Brasil, principalmente, no empréstimo de nomes de animais, plantas e lugares geográficos.

Um outro tronco linguístico é chamado de Macro-Jê. É um grupo menos estudado que o Tupi e as relações entre as línguas que o formam são mais distantes. Estima-se que estas línguas começaram a se separar há 6 mil anos, e que os grupos indígenas que as falavam permaneciam isolados, pouco se relacionavam entre si ao contrário do que faziam os falantes de Tupi. As línguas do Macro-Jê se concentram na parte central do Brasil. Dentro deste tronco linguístico há uma grande família chamada apenas de Jê e cujos falantes começaram a se dispersar em diferentes grupos há 3 mil anos.

Segundo Rodrigues (1999), em Quintino (2012), a família Jê subdivide-se em três ramos principais, os Jê Meridionais, os Jê Centrais e os Jê Setentrionais, como segue:

Quadro 2 – A família Jê subdivide-se em três ramos principais, os Jê Meridionais, os Jê Centrais e os Jê Setentrionais

JÊ SETENTRIONAL			
Grupo	Língua	População	Localização
Apinayé	Apinayé	1525 (2006)	N Tocantins S Maranhão
Kayapó	Mebengokre	5923 (2006)	L Mato Grosso SE Pará
	Xikrín	690 (2001)	S Pará
Panará	Panará	374 (2008)	N Mato Grosso SO Pará
Suyá-Tapayúna	Suyá	351 (2006)	PI Xingu ao N Mato Grosso
	Tapayú	58 (1995)	PI Xingu ao N Mato Grosso
Timbira		5800 (2005-2008) (aproximadamente)	
	Apãniakrá	458 (2000)	S Maranhão
	Krahô	114	S Maranhão, S Pará e N Tocantins
	Krejê	30	Maranhão
	Krikati	20	S Maranhão
	Ramkokamekrá	337	Maranhão
	Parkatêjê	582 (2010)	Pará
	Pykobjê	540	Maranhão
JÊ CENTRAL			
Akuwe	Akroá	L Goiás S Maranhão
	Xakriabá	N Minas Gerais
	Xavante	15.315 (2010)	L Mato Grosso
	Xerente	2.569 (2008)	Tocantins
	Jeikó	S P i a u í
JÊ MERIDIONAL			
Kaingang-Xokleng	Ingain	NE Argentina, SE Paraguai
	Ingain	NE Argentina
	Kimdá	NE Argentina, SE Paraguai
	Kaingang	28.000 (2006)	SP, PR, SC e RS
	Kaingang	Paraná, Santa Catarina e RS

	Kaingang Paulista	105	São Paulo (D'Angelis & Veiga 2006)
	Xokleng	887 (2004)	Santa Catarina

Fonte: Organizado pelo autor, 2015

A Fundação Nacional de Saúde-FUNASA oferece dados, mais ou menos atualizados, sobre a população dos grupos Jê, que junto a outras fontes, estão disponibilizados no web site do Instituto-Socioambiental-ISA. Embora os Jê se apresentem como uma das famílias linguísticas mais estudadas, muito ainda há que se fazer com respeito às descrições destas línguas.

Um terceiro grande grupo de línguas é chamado Karib. A maior parte de seus falantes está no norte do Brasil, na área de fronteira com as Guianas. É um grupo menos estudado do que o Tupi e o Macro-Jê. As línguas que formam o Karib são bastante próximas, indicando uma separação recente entre elas (de 2 a 3 mil anos). Pelo alto grau de semelhança, o Karib é considerado uma família linguística, porém, não há outras famílias semelhantes a esta que possam formar um tronco linguístico. Há evidências de um alto número de empréstimos linguísticos nas línguas Karib, o que sugere que os falantes destas línguas poderiam ser uma conexão entre grupos linguísticos diferentes que mantivessem uma rede de comércio.

O quarto grande grupo de línguas indígenas do Brasil é chamado Aruak (ou Arawak) e também constitui uma família linguística. É outro grupo pouco estudado. Sabe-se que os falantes da língua começaram a se separar em algum lugar a oeste de onde viviam os falantes originais do Tupi e Macro-Jê. Alguns autores apontam a região onde hoje fica o Peru, como esta área de dispersão.

Fala-se em 180 línguas indígenas no Brasil, porém, este é um número inexato devido à polêmica em se decidir se expressões linguísticas diferentes, usadas por comunidades indígenas separadas geograficamente, integram duas línguas diferentes ou dois dialetos de uma mesma língua, de acordo com dados do ISA (2014).

No próximo tópico, trataremos dos principais conceitos da sociolinguística que orientam o meu trabalho.

2.3 Sociolinguística

De acordo com estudiosos da área, sociolinguística é o ramo da linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade. É o estudo descritivo do efeito de qualquer e todos os aspectos da sociedade, incluindo as normas culturais, expectativas e contexto, na maneira como a linguagem é usada, e os efeitos do uso da linguagem na sociedade. A sociolinguística difere da sociologia da língua, pois o foco da sociolinguística é o efeito da sociedade sobre a língua, enquanto a sociologia da língua foca o efeito de língua sobre a sociedade. A sociolinguística se sobrepõe a um grau considerável com a pragmática.

Há três termos importantes para a sociolinguística que podem ser facilmente confundidos entre si:

Varietade: as variedades são as diferentes formas de manifestação da fala dentro de uma língua, a partir dos diferentes traços que a condicionam, eles podem ser: sociais, culturais, regionais e históricos de seus falantes. As variedades linguísticas classificam-se como:

Dialeto: modo particular de uso da língua numa determinada localidade. Diferente do que pensam muitos linguistas, o termo dialeto não serve para designar variedade linguística.

Socioleto: é a variedade linguística de um determinado grupo de falantes que partilham os mesmos traços e experiências socioculturais.

Idioleto: é o modo particular de cada indivíduo expressar-se através da fala.

Cronoleto: variedade pertencente a uma determinada faixa etária, ou seja, modo próprio desta geração manifestar-se.

Variante: o termo variante é utilizado nos estudos de sociolinguística para designar o item linguístico que é alvo de mudança. Assim, no caso de uma variação fonética, a variante é o alofone. Representa, portanto, as formas possíveis de realização. No entanto, na linguística geral, o termo variante dialetal é usado como sinônimo de dialeto.

Variável: a variável é o traço, forma ou construção linguística cuja realização apresenta variantes observadas pelo investigador.

2.4 Empréstimo linguístico

É comum os linguistas considerarem que a mudança diacrônica e, conseqüentemente, a variação sincrônica caminha em uma dada direção ao longo do eixo do tempo na

comunidade de fala. Então, uma forma pode ser vista como “entrada na língua” ou “caminhando para a extinção”. O quadro geral é o de pontos finais categóricos medidos por estágios intermediários sucessivos de variação que impulsionam os processos em uma direção única através da comunidade.

Vamos demonstrar a seguir que, em alguns casos, este quadro não ocorre porque a comunidade de fala pode estar caminhando em diversas direções, no sentido que alguns grupos de falantes podem estar num processo de aquisição da forma enquanto outros estão, ao mesmo tempo, perdendo a forma. Alguns grupos podem estar ainda estáveis, mostrando padrões típicos de variação estável, de tal forma que para eles não há, portanto, processo de mudança em curso. Todavia, a diversidade de direções não é refletida por qualquer tipo de separação social entre os grupos, que estão em interação face-a-face e continuam a participar da variação linguística corrente. De fato, um dos problemas mais difíceis é precisamente identificar as dimensões sociais que definem os grupos independentemente dos fatos linguísticos puros. Fonte: Anthony J. Naro. Maria Marta Pereira Scherre

A seguir apresentamos uma relação dos empréstimos da língua portuguesa coletados por nós durante a pesquisa nas aldeias *Wede'rã* e *Êtênheritipa*.

Quadro 3 – A relação dos empréstimos da língua portuguesa coletados durante a pesquisa nas aldeias *Wede'rã* e *Êtênheritipa*, das falas dos anciãos.

Fala do ancião	Língua portuguesa	Empréstimos	A'uwẽ mreme (L.Xavante)
Anciãos	Não- indígena	-----	Warazu/ Siróma
	Avião	-----	Warazu zaribi/ wararibi
	Espelho	-----	Dasimadö'özé
	Fumo	Fumu	Warĩ
	Fósforo	-----	Umnhamare
	Faca	-----	Sib'ezé
	Arma de fogo	-----	Wanô
	Anzol	Azo	Azo
	Arroz	Asaró	Asaró
	Tesoura	Tizora	Pizuré
	Banco	Bancu	Wedehöbö
	Dinheiro	-----	Teprezu/ Rob'uiprazé

Fonte: Organizado pelo autor, 2015.

No contato, as primeiras trocas de presentes entre Xavante e não-indígena, que aconteceram na beira do Rio das Mortes, foram os objetos de uso diário. A maioria dos materiais receberam nomes, conforme a sua utilização.

Com tempo, os anciãos tiveram contato com outros objetos, que foram nomeados e também adaptados para a língua materna. Segundo um ancião, eles usavam os objetos do não indígena até acabar. Agora as novas gerações estão acumulando os objetos de fora sem necessidade.

Quadro 4 – A relação dos empréstimos da língua portuguesa coletados durante a pesquisa nas aldeias *Wedé'rã* e *Êtênheritipa*, das falas dos adultos.

Fala do adulto	Língua portuguesa	Empréstimos	A'uwēmreme(L.Xavante)
Adultos	Chinelo	Chineru	Dapara'uzá
	Bicicleta Moto	Bicicreta Motu	Robduri za'ére Motu
	Café	Káfé	Wedepro nho'u
	Bola	Bora	Iwapu
	Cobertor	Ubétã	Dasisuwazé
	Cartão de crédito	Katã creditu	Katã
	Óculo(s)	Ocru	Datób'uzá/ Datóm'hö
	Cachimbo	Káchibu	Wedé'rãza'a
	Laranja	-----	Wedé'rã'uzé
	Camisa	-----	Da'usa
	Fogão	Fogõ	Danhipizé
	Pinga Cerveja	Garotin Sereveja	Ö'z'é/ ñomore Ö'zaipró/ ãsaipró

Fonte: Organizado pelo autor, 2015

Os adultos de várias faixas etárias tiveram contato direto com os vizinhos da Terra Indígena, como fazendas, vilarejos e cidades. Com isso, eles tiveram acesso a vários objetos dos não-indígenas. Mesmo os objetos tendo nomes na língua Xavante, os adultos acabam utilizando as palavras dos dois nomes, usando empréstimos da língua portuguesa.

Quadro 5 – A relação dos empréstimos da língua portuguesa coletados durante a pesquisa nas aldeias *Wede'ra* e *Êtênhiritipa*, das falas das crianças.

Fala da criança	Língua Portuguesa	Empréstimos	A'uwẽ mreme(L.Xavante)
Crianças	Televisão	Terevisão	Terevisão
	Lanterna	'Rãtena	'Rãtena/ Uzi
	Manga	Mãga	Mãga
	Celular	Serura	Serura/ Dahörözé
	Escola	Escora	Escora/ Romnhorezé
	Bolacha	Borasa	Burasa
	Refrigerante	Refrigerati	Refrigerati/ Özei're
	Pendrive	Pedraiwi	Pedraiwi
	Parabólica	Paraborika	Paraborika/ ãpó'repóre/ ãsa'ére
	Ventilador	Vetirado	Vetirado/ rowa'u'ure
	Energia	Lusi	Lusi/ ã'ro'ore

Fonte: Organizado pelo autor, 2015

As crianças convivem com vários utensílios nas aldeias que as famílias compram nas cidades, desde objetos tecnológicos, alimentação, vestuários, brinquedos e os utensílios domésticas. Ela vem usando as palavras das duas línguas, como o nome de alguns objetos, empréstimos da língua portuguesa. Com isso, acabam, naturalmente, criando outros nomes que são usados no cotidiano. Porém, elas usam mais nomes da língua portuguesa adaptados, em vários momentos: nas suas brincadeiras, na escola e nas conversas com os adultos.

CAPITULO III – A HISTÓRIA DA ENTRADA DA ENERGIA NA ALDEIA

Neste capítulo apresentamos a história da entrada da energia na aldeia, bem como, os relatos dos mais velhos sobre as mudanças sofridas desde o contato com *warazu* ou *siroma* (não-indígena) acontecidas com a entrada da energia. A aldeia *Wede'rã* foi fundada em 1997, pelos filhos de Apowê, a maioria dos membros é da linhagem antiga da família de *Ahöpöwê*, que ficou conhecido pelo não-indígena como *Apowê*. Segundo relatos orais de meu tio Wazaé, o meu avô *Apowê* foi quem fez o contato pacífico com o sertanista Francisco Meireles em 1946.

Atualmente, a aldeia *Wede'rã* tem cinquenta pessoas distribuídas em sete casas. Em 2006, foi construída uma escola de alvenaria, em parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Estado de Mato Grosso. A escola possui Projeto Político Pedagógico próprio, elaborado pela comunidade, na qual lecionam professores Xavante e a professora Karajá e Javaé, Severiá. Ela está de licença para cursar Mestrado em Educação na UFMT.

Quando a aldeia *Wede'rã* foi fundada, Wazaé e Cidanere, filhos de Apowê, tinham consciência da mudança que estava acontecendo no modo vida da aldeia de Pimentel Barbosa e, por isso, sete famílias mudaram para a região do cerrado para ocupar o território. Para continuar a filosofia da família, acreditando que é possível a continuidade do modo de vida Xavante no mundo atual; caçando, pescando, coletando e fazendo roça de toco. E sempre discutindo no *warã* as mudanças no modo de vida da comunidade, com base na realidade que envolve a Terra Indígena Pimentel Barbosa, que vem gerando fortes influências na língua materna e no modo de vida em todas as esferas da vida, como mudanças no cotidiano, horários de acordar, dormir e banhos. Quase não saem muito para caçar, pescar e trabalhar na roça. A televisão tomou conta do tempo das pessoas na aldeia.

Figura 4 – Aldeia *Wede'rã* antes da instalação de energia, com uma população de cinquenta pessoas.



Fonte: Acervo do Ponto de Cultura *Apowê*, 2009.

3.1 A história da energia de luz na aldeia Wede'rã

Figura 5 – Anotação no caderno do cacique/ professor Leandro Parinai'á sobre a entrada de energia de luz na aldeia Wede'rã

30/09/2011

Wede'rã u iro'ore
isebroze' wasu'u

Āhã boto' nahã, mā
wei aze' iro'ore hã uba
hawi Wede'rã u hã,
ihisu te we mapu
ze'hã 24 nã, dure' oto'
isi' wagi te we siwi
utani ze hã 25 na
oto dure' isi' woge' ni
mono bo' isi utori ze'
hã 26 na. Oto' mono ze'hã
27 na, ni mono bo'hã.

Fonte: Acervo da do pesquisador, 2015

Anotação no caderno do cacique/ professor Leandro Parinai'á, que consideramos um registro histórico e que diz muito sobre a situação sociolinguística hoje entre os Xavante que retomamos abaixo:

“Hoje, 23/09/2011, começaram as instalações de fios de energias de luz, vindo bem na direção da ponte e puxados por um caminhão até a aldeia Wede'rã. No outro dia 24/09/2011, atravessaram sobre o córrego os postes que foram fincados no mesmo dia ao redor da aldeia. No dia seguinte 25/09/2011, puxaram os fios e instalaram nos postes. Mas, só no dia 26/09, puxaram os fios para cada casa, fazendo instalações em cada casa. E no outro

dia 27/09, terminando fiação em cada casa, iniciaram os testes de luz em cada casa”. (PARINAI’Á, 2011, Tradução feita por Caimi Waiassé Xavante).

Figura 6 – Instalação do primeiro poste de energia elétrica pela Energisa/MT, na aldeia Wede’rũ



Fonte: Acervo do Ponto de Cultura Apowẽ, 2011

Figura 7 – Terminando os serviços, os trabalhadores do Energise, foram presenteados com os colares de tiririca (a’ê) pela comunidade, mulheres, homens e crianças.



Fonte: Acervo do Ponto de Cultura Apowẽ, 2011.

Conforme anotação do caderno do cacique Leandro Parinai'á, que tem costume de registrar as atividades da aldeia, ele já tinha consciência de que, a partir daquela semana, mudaria tudo na aldeia, principalmente, no cotidiano dos adultos e das crianças. Isso estava preocupando ele, sobretudo, os dois anciãos. Este registro ajudou muito para discutir que rumo a comunidade iria tomar para não afetar o modo de vida do nosso povo.

Abaixo, registramos os formulários aplicados para os consultores nativos com suas respectivas respostas.

3.2 Formulários de respostas

Terra Indígena Pimentel Barbosa, aldeia Wede'rã, municípios de Canarana e Ribeirão Cascalheira-MT

Nome: **Leandro Parinai'a**

Data: 02 de janeiro de 2015

Entrevistas (*Dazadanhari mono*);

1. Você tem TV em casa? (*E atehã TV asõwa 'remhã ire hã?*)

Îte hã îré hã îro'opo, 32 îtó hã rom manharité duré îzató hã Sony, wahu 2011 na wa mai uipra.

(R – Eu tenho uma TV 32 polegadas, uma nova tecnologia. É da marca da Sony, comprei no ano de 2011.)

2. Com que frequência você assiste a TV? (*E ðne'u'õ te TV nasi imadõ?*)

Wahã ropodo hã te madõ'õ u'õsi õdi, barana si te îmadõ'õ zé hã.

Îwapu wapsi rowa'ana hã waza madõ.

(R – Eu não assisto TV de dia, só quando tem jogo de futebol.)

3. Quais programas favoritos da TV? (*E marî mono aima imadõ zeb'uptabi TV remhã; ropotore, 'rowasu'u, filme duré novela mono?*)

Îma îmadõ'õ zeî uptabi hã îwapu na dasi wape duré rowasu'u duré novela hã îma madõ'õ ze prãti.

(R – Gosto de assistir muito campeonato de futebol e documentário. E, agora a novela assisto pouco. Não gosto muito de novela.)

4. Qual é a importância da TV, na sua casa? (*E TV hã, asõrowa remhã e sawi uptabidi, e te aima tere ropire?*)

Îro 'opodo îma wedi, mari waihu 'uze wa duré ropire waiwa.

(R – *Eu gosto da TV. Aprendo muita coisa. Ela é importante na minha casa.*)

5. Se você está percebendo a mudança de comportamento da comunidade? (Perguntar para família, warã e professores). (*E aima hã pibui pesedi wahöimaze 'na te waró 'ré te ama i'azaprina hã?*)

Dahöimana zé mais sapri, mari we îsisi si'remhã warazu nhi mari, ta wamhã tō ropodo hã ma w ema zé danhizé ôhō duré dapore ôhã, tahã wimhã a'uté nori hã îpore'ô duré isisé ô, duré îhōibaté nori hã ropodo nasi duré romhōrō nasi, a'uwê hōïmanaze hã matiwisei'ô datoi mono hã buru u romhuri hã.

(R – *Houve mudança de costume com aquisição dos objetos de não-indígena. Só com aquisição da TV, veio o mal comportamento, o desrespeito, a tecnologia, a teimosia. As crianças estão mal educadas, teimosas e os jovens só assistem à TV e ouvem muitas músicas. Os costumes do povo Xavante mudaram, não fazem rituais direitos e diminuíram as roças de tocos.*)

6. Há cena/programa considerado inadequado para criança? Quais? (*Ropoto mono hã, nasi isi hōi're za'ra hã, a'uté wi isawi zahi hã, e aima pibui pesedi? E mahã za'ra?*)

Ropo mono hã a'uté wi wate îsawi za'ra mono dahã novela hã duré dasi ahōri hã duré dasi pãri na hã duré a'uréiwi dapodo, ãnori hã wate tiwi sawi za'ra mono dasi.

(R – *Algumas cenas de novelas são inadequadas para as crianças. Por isso devemos conversar com elas: são cenas de bater no outro, matar pessoas, cenas eróticas. São estas cenas que devemos proibir e conversar.*)

7. Como é feita essa censura? (*E niha te a'uté wi nasi i'azawi pê?*)

A'ute na hã ropoto madö'ö dahã bödö tãmã pisutu na duré ropoto mreime dahã. Duré ãma tãmã rowasu'u na ropoto höimana zem na, mari ãma ahö.

(R – Para as crianças devemos colocar horários para assistir TV e o funcionamento da TV em casa. Também devemos explicar para crianças as coisas que passam na TV, para elas entenderem. Tem muitas coisas boas e coisas ruins na TV.)

Conforme as respostas das pessoas, percebemos que elas tentam controlar o uso da televisão em casa, colocando horário de funcionamento, mas não está adiantando aplicar esta regra. As famílias não conseguem controlar aquilo que os filhos assistem. E também há casos que não está sendo respeitado pelos próprios pais. E isso acaba saindo do controle da família.

CAPÍTULO IV – PRINCIPAIS TECNOLOGIAS DO NÃO-ÍNDIO PRESENTES HOJE NA ALDEIA

Tratamos neste capítulo de descrever as principais tecnologias do não-índio presentes hoje na aldeia.

4.1 Televisão

Figura 8 – Foto de crianças da aldeia Wede’rã assistindo desenho animado



Fonte: Eriê Xavante, 2014.

Figura 9 – Crianças Xavante assistindo a um ritual na televisão, em casa, na aldeia Êtênhiritipa



Fonte: Caimi Waiassé, 2015.

A comunidade da aldeia *Wedé'rá* teve a primeira TV com parabólica e vídeo cassete disponibilizada pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI, a pedido do cacique que objetivava o acesso aos jornais televisivos, documentários e filmes. E, depois, a Secretaria Municipal de Educação de Canarana, conforme descrito nas ações e nos projetos da escola de alvenaria, disponibilizou o *kit* fornecido pelo MEC: TV, DVD, cinco monitores, computador e parabólica. Nas atividades de educação para a saúde houve muitas palestras, entre eles sobre o H1N1, conforme a figura 8 abaixo.

Figura 10 – Comunidade assistindo palestra sobre H1N1 através do Data Show



Fonte: Clara Idioriê, 2009.

A aldeia tem formato de semicírculo. A casa de palha onde funcionava a escola e algumas atividades comunitárias ficava entre as pontas que iniciam e finalizam a formação da aldeia. Descendo em direção ao córrego, ficava do lado direito. A energia era de motor gerador e só era ligada quando tinha combustível, e também quando os professores faziam atividades escolares com os alunos, usando a tecnologia. Sempre passavam documentários de outras etnias, passavam filmes educativos e filmagens de rituais Xavante. Toda atividade era comunitária. Eles assistiam mais documentários e filmagens dos rituais de outras aldeias Xavante, na casa comunitária.

Desde 2011, época da instalação da luz 24 horas, a comunidade vem mudando seu cotidiano na aldeia. As pessoas compraram seus utensílios domésticos para suas casas e família. E, a comunidade vem assistindo muito TV, vários programas, principalmente, as novelas.

Na aldeia Wede'ra, as crianças assistem muito os desenhos animados da TV e, com isso, aprendem a imitar as falas das personagens. Mesmo aquelas pessoas que não falam a língua portuguesa, eles prestam muita atenção nas cenas das novelas e filmes. E na parte da tarde, as crianças assistem com os mais velhos alguns programas, como novelas, filmes e documentários. Este comportamento vem mudando rapidamente o modo de vida na aldeia, como o horário de dormir que afeta diretamente o trabalho na roça de toco. A participação dos jovens nos rituais vem sendo afetada diretamente. Eles assistem muita televisão e ouvem vários tipos de músicas dos não índios, deixando de lado as músicas tradicionais Xavante. Já os mais velhos gostam muito de assistir os rituais filmados nas aldeias Xavante. Eles aproveitam para analisar e criticar os comportamentos durante os rituais, como, por exemplo, a não concentração dos participantes, também o fato de falar durante as cerimônias. E a noite assistem mais novelas e jornal, tanto os adultos quanto as crianças, ficam até tarde da noite assistindo a programação. E com o contato diário com a língua portuguesa, através da TV, as pessoas vêm utilizando muitos empréstimos de palavras da língua portuguesa, fato este que muito nos preocupa e que é o motivo principal da nossa pesquisa.

4.2 Documentários

No ano de 1990, foram formados cineastas indígenas, Jorge Protodi e Caimi Waiassé, pelo projeto Vídeo nas Aldeias, que era desenvolvido pelo Centro de Trabalho Indigenista (CTI) em São Paulo-SP. Por meio desse projeto nós aprendemos técnicas de filmagem e edição, e passamos a produzir nossos próprios filmes com o apoio de nossas comunidades, formando novas gerações de *videomakers* que dão continuidade ao trabalho. E também vêm utilizando outras tecnologias na escola como computadores, onde produzem os trabalhos escolares, acessam *internet*, copiando fotos e músicas de não indígenas e indígenas. Também fazem filmagens dos rituais e reuniões nas aldeias e nas cidades, depois editam e finalizam no Ponto de Cultura *Apowê* na própria aldeia. E depois distribuem para as aldeias na Terra Indígena Pimentel Barbosa. A comunidade, revendo as imagens de arquivos, imagens históricas do contato e colocamos as imagens que produzimos agora, poderemos perceber as transformações claramente para manter diálogo entre gerações.

A comunidade também assiste a muitos documentários de outras etnias e da cultura ocidental. E também assiste a filme de ação e de arte marcial. Os mais velhos gostam muito de assistir documentários de outras culturas e filmagens de outras aldeias Xavante, principalmente os rituais. E as crianças acabam assistindo junto com os adultos e depois vão

imitar as cenas e falas das personagens de filmes, principalmente cenas de luta de arte marcial. Por isso os adultos estão mais atentos com as crianças, para não se viciarem com os filmes que elas vêem. Para não deixarem de lado as brincadeiras infantis, para não deixar criatividade de lado. Os pais e a comunidade vêm falando com as crianças sobre os filmes que elas assistem. E quando os mais velhos assistem as filmagens de ritual da aldeia, sempre avaliam as diferenças e criticam as mudanças e ficam preocupados com as futuras gerações.

Os anciãos, são oradores, por isso eles sempre falam que a tecnologia veio para complementar como contar a história. Essas ferramentas tecnológicas que chegaram nas aldeias, eles perceberam a importância para manter viva a cultura. Os anciãos sabem que os jovens são atraídos pelas novas ferramentas estranhas, que venho do céu entrando de qualquer jeito em nossas casas através da TV. E por isso que eles querem deixar a mensagem, não só para manter a tradição principalmente a língua materna. Mas também eles sabem que a cultura é dinâmica, e sempre falam que a nova geração vai ter que lidar não só com as coisas que chegam, mas também com aquilo que nos limita, porque estamos cercados por fazendas e cidades. Já na época do Mário Juruna Xavante, com seu gravador, ele deixou bem claro que a máquina chegou para servir de aliado, para não desviar os relatos.

Os professores também vêm utilizando essa tecnologia nas escolas e nas aldeias, onde fazem palestras, preparam aulas, constroem seus apostilhas todo os anos, e também passam vários documentários temáticos para os alunos e para comunidade.

Figura 11 – Alunos editando filmagens de rituais feita nas aldeias *Ētênhiritipa* e *Wedé'rã*



Fonte: Acervo do Ponto de Cultura Apowê, 2011.

Figura 12 – A professora Severiá Idioriê palestrando sobre continente terrestre usando Datashow.



Fonte: Acervo do Ponto de Cultura *Apowê*, 2011.

4.3 Diferenças dialetais

Quando a comunidade assiste a vídeos de outra Terra Indígena Xavante, eles prestam muito atenção nas falas das pessoas nos vídeos. Há diferenças entre o jeito de falar dessas pessoas em relação às pessoas de TI. Pimentel Barbosa. E também analisam a participação dos jovens nos rituais e falam da importância da cultura, principalmente, do uso da língua materna.

Os mais velhos sempre aproveitam também para criticar o comportamento dos jovens durante os rituais. As mudanças estão acontecendo muito rápido. Os jovens estão adotando outros costumes, inconscientemente, principalmente, no empréstimo de palavras da língua portuguesa. Também estão ouvindo vários tipos de músicas dos não indígenas e deixando de lado os cantos tradicionais no centro da aldeia, à noite, no *Warã*. Isto vem afetando diretamente o comportamento das pessoas, da família, enfim da comunidade de forma geral.

4.4 *Warã* – Conselho Tradicional

No *Warã*, na parte da tarde, às 18 horas, na aldeia *Êtênhiritipa* e no outro dia na aldeia *Wedé'rã*, quando fui apresentar sobre o meu trabalho de pesquisa, os primeiros comentários nas reuniões foram relacionar a palavra “empréstimos” ao sistema bancário. (No momento há muito empréstimo bancário feito pelos funcionários públicos federal, estadual, municipal e pensionistas e pelos aposentados das aldeias). E também porque esta palavra está sendo usada quando se pega emprestado um objeto de alguém. Esta fala é usada pelos jovens. Como houve muita discussão sobre a palavra “empréstimo”, fiz esclarecimento oral no *Warã*, para os presentes, em sua maioria, anciãos e alguns jovens.

Na reunião-warã, falaram muito da preocupação das mudanças do jeito de falar das pessoas da comunidade, principalmente, dos jovens e das crianças. E também as pessoas lembraram das falas dos comerciantes; de lojas, de restaurantes, bancos e hospitais das cidades vizinhas, pois eles também estão falando nossa língua materna, mesmo pronunciando errado, para poder atrair os clientes Xavante. Como nas lojas de roupas, *Sawiti! Entre tem muita roupa, sapatos e short. Baratinha, surureti. Weti, weti!!!*. Ou no banco, quando os clientes Xavante vão conversar com os funcionários para renovar o cartão de crédito, ocasião em que eles acabam oferecendo os serviços bancários:

“Aibô! O empréstimo aqui é pequeno, sawiti é suruti? Vamos fazer?”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao descrevermos e analisarmos os empréstimos da língua portuguesa para a língua Xavante, através da televisão, nas aldeias *Êtênheritipa* e *Wede'rã*, muitas pessoas se mostraram preocupadas com a mudança tão rápida que está ocorrendo na língua materna, devido ao uso de palavras da língua portuguesa, no cotidiano nas aldeias, principalmente, porque essas mudanças linguísticas sinalizam para uma mudança de comportamento das pessoas.

De agora em diante, buscamos compreender os fenômenos para poder manter nossa língua materna viva. Com base nas explicações da funcionalidade das línguas, os meios mais seguros para preservação da língua Xavante, segundo a comunidade, são os diálogos e discussão com as famílias, anciãos, *Warã*- conselho tradicional e as escolas indígenas Xavante, que podem contribuir para a preservação da língua materna, numa perspectiva bilíngue e intercultural. Ressaltamos que as tecnologias digitais têm contribuído ao guardar os nossos elementos culturais em registro audiovisual como os mitos, as histórias antigas, as narrativas de caçadas e pescarias, os ritos e os cantos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda. Neologismo: criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.

CARVALHO, Nelly. Empréstimos linguísticos na língua portuguesa. São Paulo: Cortez, 2009.

QUINTINO, Wellington Pedrosa. Aspectos da fonologia xavante e questões relacionadas: rinoglotalia e nasalidade. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012. Tese de Doutorado.

James R. Welch, Ricardo Ventura Santos, Nancy M. Flowers e Carlos E.A.Coimbra Jr. Na Primeira Margem do Rio: Território e Ecologia do Povo Xavante de Wedezé. Museu do Índio – FUNAI, Rio de Janeiro 2013.

Anthony J. Naro, Maria Marta Pereira Scherre. Variação e Mudança Linguística: Fluxos e contra Fluxos na comunidade de fala. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Cad.Est. Ling., Campinas, (20): 9-16, Jan/ Jun. 1991.

Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Etenhiritipá, 2010.

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xavante/1645>. Acesso em ? de janeiro de 2014.

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xavante>. Acesso em ? de janeiro de 2014.

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xavante/1162>

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xavante/1161>

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xavante/1159>

http://4.bp.blogspot.com/_k0vSLi_MBlw/SwPzqfwVmdI/AAAAAAAAAOW/MFionaH-7YU/s1600/mapa+2.jpg

<http://www.arara.fr/BBLANGUESINDIGENES.html#LinguasIndigenas>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sociolingu%C3%ADstica>

Sociolinguística

CONSULTORES NATIVOS

Mauricio Urawê. (Clã *Poreza'õno*, grupo da faixa etária *Tirowa*, tem aproximadamente 70 anos), residente na aldeia Wederã.

Waza'é Xavante. (Clã *Poreza'õno*, grupo da faixa etária *Êtêpa*, tem aproximadamente 80 anos), residente na aldeia Wederã.